

Multidão



É Novembro, está chovendo, o vento entra pelas brechas presentes nas paredes de madeira, temos uma pequena fogueira, que emana um calor fraco, incapaz de aquecer o ambiente à nossa volta. O medo e a angústia que rondam meus pensamentos me impedem de dormir, o chão duro e frio, e o vento que ecoa do lado de fora, traz consigo dúvidas e lamentos ... Não sei como, mas, de certa forma adormeci. Na manhã seguinte, vemos o sol, aquecendo a grama ainda molhada, e os raios de luz que passam entre as árvores nos dão mais um lamento de esperança. Temos pouca comida, e logo vamos ter que ir até a cidade, mas nunca é fácil, os olhares sem vida das pessoas ao nosso redor, ou o que restou delas ... isso deixa todos com um arrepios, não sabemos o que será de nós nos próximos dias. Então, antes de tentarmos dormir novamente, tivemos nossa última refeição. A comida chegou ao fim, é hora de começarmos a discutir sobre irmos novamente até a cidade. Embora o caminho fosse longo, não apresentava nenhum perigo, a pior parte é quando adentramos nos arredores dos primeiros prédios, a decisão de nos refugiarmos nas florestas foi, sem dúvida, a melhor

possível. Bolamos um plano que em primeiro momento pareceu ser perfeito. Iriam apenas duas pessoas, para não levantar muita suspeita, usamos roupas compridas, tampando braços e pernas, calçamos botas e chapéus. Infelizmente não teria como cobrir nossos rostos, bem, pensamos nisso, mas seríamos vistos no momento em que entrássemos na cidade. Então, com o objetivo de comprar somente o necessário, saímos, em dois, o dinheiro era pouco e contado com exatidão. Não conhecia quem estava indo comigo. Não tínhamos o costume de ficar conversando, um pouco pelo medo de sermos ouvidos, e outro pouco por não ter assuntos mais interessantes do que contar as árvores da floresta. No caminho pensei em puxar algum assunto, mas a angústia de chegar naqueles mesmos comentários de sempre me corroi, é de certa forma um sentimento indescritível, uma mistura de medo com insegurança, pensei ser melhor deixar quieto, talvez fosse melhor assim, apenas o silêncio e o leve som do vento passando por entre as árvores. Pouco tempo se passou desde que saímos do abrigo, logo chegamos na cidade, era próximo do meio dia, as pessoas estavam perambulando calmas, com movimentos cinzas, robóticos, como se estivessem

conectadas, existia uma certa sincronia em seus e amedrontador, de certa forma bem curioso. Fomos passos, era perfeito, direto comprar os suprimentos, sem olhar muito em volta, e tentando se sincronizar com a multidão.

Tenho certeza de que eles já sabiam da nossa presença, mas era uma questão de sobrevivência, precisávamos de comida. Entramos na loja, e com passos discretos, fomos pegando os itens da lista. Chegamos ao caixa, passamos as compras, pagamos e fomos embora, nada anormal aconteceu. Esse fato nos deixou preocupados, ficamos mais alertas, no mesmo instante em que colocamos os pés para fora, fomos em direção a saída da cidade. E em menos de meia hora já estávamos de volta na estrada. Desta vez não consegui me conter, exclamei em um tom sépia “Foi mais fácil do que eu tinha imaginado.” . Não obtive nada além de um “É mesmo.”. Agora tenho certeza de que foi um plano incrível. Mas não estou falando do nosso, e sim deles, esses malditos sabiam que um hora ou outra teríamos que sair da nossa “toca”. Esperaram, e nos deixaram à vontade, começaram a analisar nossa rotina, nossos passos, talvez até soubessem o que pensávamos.

As semanas se passaram, e conseguimos ir até a cidade e voltar sem nenhum problema, sempre mandando um par de pessoas diferentes. Até que em uma noite, em meio ao frio e ao vento, vemos ao longe, uma enorme multidão com lanternas, caminhando em direção a floresta. E, sem motivo algum, elas pararam, em linha, alinhadas perfeitamente, ombro a ombro, lanternas apontadas para frente, rostos imóveis. Ficaram lá até o amanhecer, sem se mover um único centímetro sequer. Naquela noite não dormimos, não tínhamos coragem nem de piscar, essa noite ficou marcada em minha memória, vivida como um afresco recém pintado. Começamos a ficar cada vez com mais dúvidas, e cada vez com mais medo. Tínhamos comida para uma semana, mas como nunca feito antes, decidimos racionar, pequenas porções para cada um de nós. Passaram cinco dias, e nada, as pessoas estavam lá, paradas, imóveis como estátuas, pensamos em fugir, mas para onde? Não importa para onde fugir, a história seria a mesma, sempre se escondendo e rezando para ninguém nos notar. Resolvemos então ficar ali mesmo, eles estavam só parados mesmo. Talvez em alguns dias eles voltem à cidade, é claro que isso não aconteceu,

eles permaneceram lá. Mais cinco dias, a comida
Um dia sem comida, a primeira vez é sempre mais
dourou durante esses dez dias. Hoje é o último dia em
difícil, mas conseguimos ficar bem e, ainda tínhamos,
que comemos, não sei quanto tempo mais vamos
lá no fundo, uma fagulha de esperança de que eles
aguentar, os olhares no horizonte ficam cada dia mais
iriam voltar, e nos deixar em paz novamente. No
é mais macabros, agora não tem mais como ignorar o
segundo dia sem comida, alguns foram embora,
fato. Precisávamos fazer algo, mantivemos a cabeça o
partiram mata adentro, nunca mais se teve notícias
mais iria possível.
deles. Então, no fim do terceiro dia, sobraram três
pessoas. Talvez esse tenha sido nosso maior erro,
deveríamos ter ido com os outros, mas não, ficamos
ali, sem motivo, talvez aquelas pessoas lá paradas
tivessem nos enfeitiçado de alguma forma. No quarto
dia mal conseguimos ficar em pé. A fome era tanta
que doía, já estávamos enlouquecendo, o completo
silêncio deixava as coisas muito mais insanas, foi
então que no quinto dia, eu resolvi sair da floresta,
caminhei em direção da multidão. Estava a menos de
cem metros deles, e eles com olhares fixos para
frente. Foi quando eu gritei, após muito tempo sem ter
dito uma única palavra, minha voz saiu estridente. Um
grito de desespero e angústia, um pedido de ajuda ou
apenas um grito sem sentido. Não disse uma única
palavra, apenas gritei, com todas as forças que ainda
me restavam. E nada, nenhum movimento sequer,
NADA !!! Isso me deixou com um ódio insuportável

a multidão era uma casca seca, sem vida, sem alma ...

E, foi então, que como um coro, ela falou: “FAÇA!”.

Imediatamente após essa palavra eu corri para a floresta, nunca corri tão rápido antes, o medo que eu senti, meu coração batia tão rápido que dava para ouvir, meu corpo todo formigava e palpitava, quando cheguei na floresta, caí, e lá fiquei, meus braços e pernas tinham pequenos espasmos, meu corpo doía, foi assim que desmaiei, eu acho...

Caído na floresta, tive um sonho, o primeiro desde que tudo começou, eu estava no meio da multidão, como um deles, éramos todos um só, tínhamos o mesmo objetivo, o mesmo pensar. A ordem e a simetria dos olhares profundos não me davam mais calafrios, eu agora estava em união com todos. Eles me aceitaram, sou parte da multidão, meu olhar mudou, os passos que antes eram praticamente impossíveis de imitar, agora não são nada além de passos. As expressões imóveis nos seus rostos, agora tem uma beleza incomum. E, quando eu percebi, estava no centro de um círculo, todos olhando para mim e, como um louvor cantavam: “Faça, faça, faça ...” ...

Acordei junto às últimas pessoas que restavam, depois de um certo tempo refletindo sobre esse sonho, eu já sabia o que tinha que fazer. Levantei e caminhei para fora da cabana, peguei um pedaço de madeira, e voltei para a cabana. Primeiro ele, me aproximei, já não sentia nenhum cansaço ou dor, a fome e a exaustão tinham sumido. Estava tudo claro... Deitado perto da parede, ele me olhava com dúvida, ou talvez medo, não sei mais... menos de um minuto depois, deixei seu corpo sem vida caído no chão. Agora só restava ela, que permanecia imóvel, apavorada. Me aproximei, me abaixei e a estrangulei lentamente, nunca senti tanto prazer em minha vida, minhas mãos ao redor do seu pescoço quente, seu olhar confuso e apavorado, me deixaram excitado. Ela tremia, seu corpo se debatia em desespero.... Eu ... não ... estava ... satisfeito ... ainda não. Momento depois, saí da cabana, e caminhei em direção à multidão, estava todo coberto por sangue. Em meu rosto um leve sorriso e uma expressão de orgulho... Agora ... eu era um deles, eu pertencia à multidão. Compartilhamos nossas vivências, experiências, os mais profundos segredos, sentimentos e convicções. Todos pecadores, todos corrompidos, todos seres odiosos... Somos como um

ser que vive porque tem medo de morrer, mas também deseja todos os dias morrer porque está cansado da vida.